

EPISÓDIO 5: O IMPACTO DAS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS NA SAÚDE

Garry Aslanyan [00:00:09] Olá e bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou seu apresentador, Garry Aslanyan. Cada vez mais, todos nós estamos experimentando os efeitos das mudanças climáticas. A maioria das previsões de mudanças climáticas mostra uma tendência de aumento da temperatura pelo menos nas próximas nove décadas. Em média, espera-se que a temperatura global aumente em até três graus na África até o ano de 2050. A mudança climática é uma questão tanto local quanto global e requer a colaboração de várias partes interessadas, como governos, ONGs e a comunidade científica. As comunidades rurais cuja saúde e meios de subsistência dependem mais diretamente do meio ambiente têm uma maior vulnerabilidade a esses efeitos. A mudança climática fez com que essas comunidades também fossem cada vez mais afetadas por doenças tropicais negligenciadas. Esses desafios estão levando os pesquisadores a identificar e desenvolver estratégias adaptativas em resposta às mudanças climáticas e à carga de doenças associada. Neste episódio, tive o privilégio de falar com Paul Gwakisa há algumas semanas, que compartilhou comigo suas ricas experiências de trabalho com as comunidades Maasai na Tanzânia. Hoje, estou falando com meu colega Pierre para refletir sobre os pontos valiosos que Paul levantou. Pierre é o oficial do programa na divisão química e de saúde do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente. Oi Pierre, obrigado por se juntar a mim hoje.

Pierre Quiblier [00:01:40] Boa tarde. É um prazer estar com você, Garry.

Garry Aslanyan [00:01:42] Para começar, Pierre, você teve uma carreira muito interessante, desde estudar ciências políticas e gestão de negócios até jornalismo, e agora está trabalhando com o PNUMA. Você poderia me contar como suas primeiras experiências moldaram ou informaram sua carreira?

Pierre Quiblier [00:01:59] Bem, como você sabe, eu me originei dos Alpes franceses e, muito cedo, sendo confrontada e vivendo o mais perto possível de nossas maravilhosas montanhas, o desafio de escalá-las e de sua beleza magnífica, e acho que isso provavelmente me levou a levar o meio ambiente muito a sério desde o início. Mas devo dizer que também o vínculo com a política, meu pai sempre esteve envolvido em associações, associações esportivas e assim por diante, e a capacidade de viver juntos e dentro de uma política que faz sentido para todos e cada um. Isso também me convenceu talvez a seguir esse longo caminho de desenvolvimento de políticas ambientais.

Garry Aslanyan [00:02:52] Ótimo, obrigado. Estamos prontos para ouvir Paul. Para dar ao nosso público algumas informações sobre Paul, o Dr. Paul Gwakisa é professor de imunologia na Universidade de Agricultura de Sokoine, na Tanzânia. Ele lidera um grupo de pesquisa no Centro de Ciência do Genoma cujo interesse está em doenças transmitidas por vetores. Seus mais de 30 anos de experiência pesquisando contribuíram para uma melhor compreensão da relação entre pessoas, gado e meios de subsistência rurais.

Paul Gwakisa [00:03:29] Nossa base de projeto é a estepe Maasai, no norte da Tanzânia. Isso fica ao sul do Quênia, na África Oriental. É o lar de pastores Maasai que vivem longe das áreas urbanas e geralmente com grandes cabeças de gado e geralmente perto de áreas de vida selvagem. Agora, a área, a estepe Maasai, é uma grande área de pastagem com chuvas imprevisíveis e longas estações secas que levam a longas secas. Assim, as secas, assim como a ecologia da área e a cultura do povo Maasai, provocam o movimento sazonal das pessoas com seus rebanhos em

busca de água e pasto. Ao fazer isso, isso os leva a invadir áreas protegidas próximas à vida selvagem, onde encontram vetores de doenças, incluindo moscas tsé-tsé que transmitem a tripanossomíase. Assim, as pessoas se tornam vulneráveis a essas doenças. Agora, o primeiro grande efeito da mudança climática, portanto, é a seca e o movimento frequente, ou chame-o de pastoralismo. As secas afetam os meios de subsistência, a segurança alimentar e a saúde humana e animal. Em segundo lugar, eu diria que a mudança climática nas comunidades em que trabalhamos causa uma combinação de efeitos na saúde por meio do surgimento e reemergência de doenças. Recentemente, vemos o ressurgimento de doenças que antes eram controladas ou erradicadas. Devido às mudanças climáticas, as doenças agora são relatadas em novas áreas ecológicas onde nunca ocorreram antes. Mas também a prevalência de algumas doenças aumentou. Por exemplo, uma doença do gado chamada febre aftosa ocorria anteriormente uma vez por ano, mas agora a doença pode ocorrer duas ou três vezes por ano. O terceiro efeito da mudança climática na saúde de animais e humanos provavelmente se deve ao aumento da temperatura diária e às chuvas irregulares. A terra sustenta o crescimento de plantas invasoras *Allium*, que são venenosas para o gado. Essas espécies de plantas invasoras são um grande problema em algumas partes da estepe Maasai e influenciam a quantidade e a qualidade da pastagem, afetando a produtividade do gado e a suscetibilidade a doenças oportunistas. A longo prazo, isso se resume à insegurança nos níveis das famílias. E por último, a competição pelo uso da terra, ou eu chamaria isso de conflitos humano-humano ou humano-animal. A mudança climática causa isso. Um exemplo de conflitos entre humanos e humanos seria em termos de competição pelo uso da terra, como entre agricultores e criadores de gado. Mas um exemplo de conflito entre humanos e animais seria quando humanos invadem áreas de vida selvagem. Qualquer conflito desse tipo ao longo dos anos aumenta o deslocamento humano e a pobreza.

Garry Aslanyan [00:07:04] Acabamos de ouvir Paul Gwakisa e, claramente, a vida do povo Maasai no norte da Tanzânia foi significativamente afetada pelas mudanças climáticas.

Pierre Quiblier [00:07:17] Sim, definitivamente. E Paul nos forneceu uma descrição perfeita e abrangente de como as mudanças climáticas e as atividades humanas, de fato, impactaram todos os cantos do nosso ecossistema. E a mudança climática como resultado dessas atividades humanas coloca a saúde e o bem-estar de bilhões de pessoas em maior risco. Podemos caracterizar, como Paul caracterizou, todos os riscos que afetam sua população, mas todas as populações em todo o mundo são afetadas por riscos diretos relacionados às mudanças climáticas. Esses riscos diretos são eventos climáticos extremos, inundações, secas, incêndios florestais, nós os vimos em Austracattle lia. Vimos a recente seca afetando um dos países mais ricos do mundo, a Alemanha, com maior capacidade de lidar com esses riscos crescentes, e mais de 130 pessoas morreram devido a inundações repentinas em seu país. Isso é para o efeito direto da mudança climática. Mas quando analisamos os efeitos indiretos das mudanças climáticas, eles são importantes para garantir nossa segurança alimentar e hídrica, bem como toda a disseminação de doenças infecciosas sensíveis ao clima, conforme descrito tão bem por Paul em sua descrição do aumento do risco que afeta sua população.

Garry Aslanyan [00:09:01] Então, o que você fala é realmente algo que você provavelmente já viu em muitos exemplos de outros lugares ou outros exemplos da região. Digamos que neste caso, é claro, seja na África, mas como você mencionou, em outros lugares. Então, esse é realmente um exemplo de muitos.

Pierre Quiblier [00:09:20] Mas o importante é que, se pudermos ver que a mudança climática afeta a todos, poderíamos dizer que sim, mas também afeta um pouco mais. É que há uma certa injustiça nessa mudança climática e seus efeitos. Se a maioria dos gases de efeito estufa responsáveis pelo efeito dessa mudança climática for originária de países ricos. Poderíamos dizer que seu maior impacto, o impacto na saúde, afeta mais a maioria dos países em desenvolvimento e principalmente nas populações vulneráveis. Eles impactam mais os pequenos Estados insulares em desenvolvimento com o aumento do nível do mar. Deixe-me lembrá-lo de que a maioria de nossas cidades e desenvolvimento urbano ocorre dentro de 60 quilômetros do litoral. Estamos colocando nosso pessoal em maior risco nisso. As regiões polares...

Garry Aslanyan [00:10:23] Claramente, muitas coisas diferentes estão envolvidas aqui e você trabalha para o Programa Ambiental. O que você faz para resolver isso? Como você aborda isso? Parece tão desafiador e tão grande. Como você aborda isso?

Pierre Quiblier [00:10:43] Bem, você sabe que, no passado, pensávamos que, ao fortalecer nossos ministérios ambientais, promover a voz ambiental, desenvolver nossa capacidade científica para entender essas ameaças ambientais era extremamente importante e que as regulamentações poderiam ser negociadas e que poderíamos construir convenções e regular a maioria dessas ameaças e convencer nossos tomadores de decisão de que engajar-se e se comprometer com essas várias convenções é possível e seria a melhor maneira. Apesar de todos esses esforços e alguns progressos, os desafios continuam imensos, como você acabou de dizer. E agora é cada vez mais por meio de uma abordagem integrada e políticas e ferramentas integradas, reunindo vários especialistas em vários setores, como saúde, meio ambiente, como podemos trabalhar juntos de uma forma mais integrada? Esse é o foco de nossas políticas e o desenvolvimento dessas políticas nos dias de hoje.

Garry Aslanyan [00:11:53] Você mencionou algo antes dessa discussão sobre um plano que foi desenvolvido na África para os ministérios da saúde e do meio ambiente. Lembre-me novamente, o que foi isso?

Pierre Quiblier [00:12:06] Essas são provavelmente as Declarações de Libreville às quais você está se referindo e às quais tive o maior prazer e honra de contribuir para suas iniciações, desenvolvimento e implementação. E esse foi um evento muito importante para dar, fornecer e tirar o melhor proveito da liderança africana na promoção de uma abordagem integrada. Quando ministros do Meio Ambiente e ministros da Saúde se reuniram em Libreville em 2008, eles reconheceram que ações individuais não seriam suficientes, que precisávamos de uma ação global. É que, quaisquer que sejam os esforços de Paul, ou quaisquer que sejam os esforços do Maasai mais determinado, não podem fazer nada para conter a ameaça causada pela mudança climática.

Garry Aslanyan [00:13:00] Quando você diz integrado, você quer dizer entre saúde e meio ambiente.

Pierre Quiblier [00:13:04] Entre saúde e meio ambiente. Mas essas ações individuais, seja qual for sua importância, continuam sendo muito importantes. Mas você precisa de um compromisso global. Você precisa de um esforço comum. Você não pode combater, combater, todos esses efeitos da mudança climática sozinho. Então, quando esses ministros da saúde e do meio ambiente se reuniram, primeiro eles reconheceram que, em nível regional, poderíamos dar uma contribuição importante para os objetivos comuns em nível global e que eles poderiam assumir a

liderança em direção a uma mudança transformadora, ações transformadoras em nível continental. Eles perceberam que, se os setores de saúde e meio ambiente trabalhassem juntos, ou dentro de uma aliança estratégica, perceberam que o valor do meio ambiente e da saúde poderia ser apresentado aos mais altos tomadores de decisão política que trabalham nas estruturas de economia e desenvolvimento. Porque isso foi importante para mudar essa estrutura econômica e de desenvolvimento. Então isso é muito importante. Isso criou um diálogo intersetorial sem precedentes entre os setores de saúde e meio ambiente.

Garry Aslanyan [00:14:25] Então, como esses ministros da saúde e do meio ambiente ouvem pessoas como Paulo?

Pierre Quiblier [00:14:30] Quando nos reunimos em Libreville, quando nos reunimos novamente em Luanda e novamente em Libreville em 2018, a maioria das comunidades e suas experiências também foram comunicadas aos ministros. Os próprios ministros, ao longo desses 10 anos de diálogo intersetorial, em seu nível, também surgiram após consultarem suas comunidades e fortalecerem a mensagem e a importância de envolver a comunidade e de desenvolver também políticas que sejam relevantes para essas comunidades.

Garry Aslanyan [00:15:20] Então, o que Paul está fazendo é realmente muito interessante e muito necessário, porque basicamente ele fornece evidências para que os formuladores de políticas construam seu pensamento enquanto discutem essas coisas. Vamos ouvir um pouco mais de Paul enquanto ele explica a relação que o povo Maasai teve com o meio ambiente e como doenças como a doença do sono estão emergindo como uma nova ameaça novamente.

Paul Gwakisa [00:15:52] Para entender a vida do povo Maasai e como a mudança climática o influenciou, é preciso primeiro compreender que o estilo de vida do povo Maasai está completamente entrelaçado com o bem-estar, ou melhor, com a saúde de seu gado. O gado é fundamental nos meios de subsistência dos Maasai. Também dizemos que o gado é a força vital do povo Maasai porque serve como fonte de renda, alimento e segurança. Portanto, a mudança climática influencia diretamente o sustento do povo Maasai porque afeta os padrões de pastoreio do gado, o estado nutricional e a saúde do gado. Portanto, os fatores sociais, ecológicos e ambientais forçam as pessoas e seu gado a tomarem o pastoreio não como uma opção, mas sim como uma estratégia de enfrentamento para meios de subsistência sustentáveis. Na cultura Maasai e no estilo de vida Maasai, as migrações sazonais são muito comuns e têm valores tradicionais importantes, a) em termos de preservação dos recursos de pastagem, permitindo que as pastagens se recuperem entre as estações, mas também as migrações sazonais têm um valor tradicional em termos de evitar pastagens infestadas de doenças, que geralmente são compartilhadas com a vida selvagem. Trabalhando com o povo Maasai, aprendi com os anciãos Maasai que eles descrevem que sua relação com o meio ambiente é bastante delicada e é guiada por marcos ecológicos, como árvores específicas ou fontes permanentes de água ou pastagens, ou outros recursos dos quais seu sustento depende. Você pode se surpreender ao ouvir isso, mas alguns locais nas comunidades Maasai são conservados como locais sagrados, com base em narrativas históricas e protegidos por leis e normas comunitárias. Existem tabus e maus presságios relacionados à destruição desses recursos. Isso é tão forte que a tomada de decisões em nível familiar ou comunitário muitas vezes está embutida na relação entre sociedade e meio ambiente, e elas são protegidas por regras culturais não escritas que são invisíveis para um estrangeiro, a menos que você tenha confiança e seja bem-vindo em sua vida diária. Resumindo, para dar uma ideia da cultura Maasai e da vida Maasai, o povo Maasai manteve sua cultura por séculos e, independentemente do nível de educação ou riqueza de um indivíduo, seu estilo de

vida, hábitos e escolhas diárias são fortemente influenciados pela cultura. Por vários anos, nossa pesquisa na estepe Maasai se concentrou em uma doença chamada tripanossomíase africana. Esta é uma doença zoonótica, o que significa que é uma doença transmitida de animais para humanos. E em humanos, a mesma doença é conhecida como doença do sono. Esta doença em humanos afeta cerca de seis milhões de pessoas no leste e sul da África. Agora, na Tanzânia, a doença do sono costumava ser altamente prevalente na estepe Maasai, há 20 ou 30 anos. No entanto, devido a estratégias eficazes de prevenção, a doença do sono não é mais vista como um grande problema de saúde pública entre as comunidades pastoris e, portanto, a doença foi listada como negligenciada. No entanto, nós, como pesquisadores, sabemos que mudanças no clima e no uso da terra ameaçam desencadear o ressurgimento dessa doença. Portanto, nosso foco era e continua sendo usar abordagens multissetoriais e transdisciplinares para entender como as mudanças climáticas e as mudanças no uso da terra influenciam a vida social do povo Maasai e sua adaptação à doença do sono. Como eu disse antes, essa doença é zoonótica. Ela afeta animais também, principalmente gado. Portanto, a doença pode afetar até 90% de um rebanho bovino, causando aborto, infertilidade, queda significativa na produção de leite e morte, causando redução da renda familiar. E eu lhe disse antes que o gado é fundamental para a subsistência dos Maasai.

Garry Aslanyan [00:21:17] Então, Pierre, ao conversar com Paul, fica claro que existem alguns outros aspectos importantes na abordagem das mudanças climáticas e, na verdade, a relação com o meio ambiente é influenciada pela cultura e pela religião. Já falamos sobre como algumas das pesquisas feitas por Paul e seus colegas abordam essa discussão sobre formuladores de políticas. Como esses outros aspectos são discutidos? Como isso acontece?

Pierre Quiblier [00:21:56] Não é suficiente, eu diria, meu querido Garry. É extremamente importante. Você sabe, dedicamos muito tempo para entender os serviços ecossistêmicos, a biodiversidade, a mudança climática, as poluições, todas essas crises planetárias. Mas as causas disso e a compreensão da diversidade cultural, da história e da contribuição potencial dos povos indígenas, que devemos reconhecer que eles viveram mais tempo neste planeta sem terem extinto uma única espécie, eles sabem como administrar seus recursos de forma sustentável. E isso é exatamente o que nosso querido Paul está dizendo. Ele está dizendo que eles sabem como gerenciar e respeitar os recursos porque sabem que, se gerenciarem bem seus recursos, serão recompensados pelos recursos. Se eles administrarem mal os recursos, o meio ambiente reagirá de forma muito mais violenta do que qualquer pessoa em sua comunidade poderia fazer. Portanto, esse é um conhecimento que foi mal capturado até agora. E há uma contribuição ética, moral, espiritual e cultural a ser feita sobre isso, sobre nossos desafios para alcançar a sustentabilidade. E até agora, não foi negligenciado, mas mal tratado. Talvez devêssemos realizar uma cúpula sobre o espírito, talvez, do desenvolvimento sustentável que possa trazer nossas pessoas mais experientes, e particularmente os indígenas, e sua contribuição para nos ajudar a rastrear as raízes da sustentabilidade. Esse é um aspecto muito importante, e é maravilhoso ouvir um cientista de alto nível como Paul reconhecer a importância do conhecimento local e como podemos unir esse conhecimento local com o melhor de nossa ciência atual. Mas precisamos fazer mais em nosso nível de saúde, dentro de nossos setores de saúde, dentro dos setores ambientais, quando fazemos essas políticas integradas; como trazer a capacidade, a capacidade científica desses povos indígenas, reconhecer seu conhecimento tradicional, unir seu conhecimento tradicional com o melhor de nossa ciência e cientistas atuais para abordar e entender melhor as mudanças climáticas, seu impacto, sua origem, impactos na biodiversidade, os vínculos com doenças zoonóticas, como evitar o surgimento ou ressurgimento desses patógenos. Isso é extremamente importante e acho que desenvolver a capacidade dos povos

indígenas, ao mesmo tempo em que reconhecê-los, seria extremamente importante no futuro. Temos que convencer nossos tomadores de decisão em nossos respectivos programas, OMS, PNUMA, de que é necessário financiar esse fortalecimento da capacidade da população indígena e local se quisermos ter sistemas de alerta e políticas de preparação muito eficazes no futuro para evitar novas doenças muito caras que estão afetando o mundo inteiro. E talvez a COVID-19 seja um exemplo muito bom do que acontecerá conosco se não formos capazes de mobilizar as comunidades locais e o conhecimento tradicional muito cedo em nossa cadeia de tomada de decisão, eu diria.

Garry Aslanyan [00:26:12] Eu concordo Pierre! Mobilizar as comunidades locais e usar seus conhecimentos é fundamental para nos ajudar a enfrentar esses desafios. Vimos, por meio do trabalho que o TDR apoia, como o envolvimento de vários setores e comunidades é fundamental para lidar com as doenças zoonóticas emergentes.

Pierre Quiblier [00:26:31] Você está tão certo, Garry. Mas você sabe que isso é muito desafiador. Parece muito óbvio pela nossa experiência e quando ouvimos a descrição de Paul e com sua comunidade, mas fomos moldados pela experiência e por vivermos em uma torre de marfim, estando certos, e não nos importamos se somos adequados para os outros ou não, porque nossa comunidade científica, muito focada, não se importa e será a única que o recompensará. Portanto, há muito pouco incentivo para nutrir essa cooperação, essa troca de conhecimento. Culturalmente, é muito pobre. Há muito a ser melhorado lá, porque não nos falta experiência, estamos sofrendo com a falta de compartilhamento de conhecimentos, de compartilhamento de conhecimento entre especialistas, economistas, especialistas em legislação, especialistas em avaliação científica em saúde e meio ambiente. Todos esses terão que trabalhar muito mais juntos se quisermos fazer grandes progressos no futuro para combater essas doenças zoonóticas. As doenças zoonóticas representam 75 por cento de todas as doenças infecciosas e agora a COVID é uma doença zoonótica. E esperamos cada vez mais dessas doenças. Se não estivermos equipados com a melhor preparação, se não tivermos o melhor sistema de alerta precoce para isso, não seremos capazes de lidar com isso.

Garry Aslanyan [00:28:31] Vamos ouvir um pouco mais de Paul sobre algumas das soluções que eles desenvolveram para lidar com a doença do sono nas comunidades Maasai.

Paul Gwakisa [00:28:42] Então, para apoiar a comunidade Maasai no tratamento dessa doença, desenvolvemos, de forma participativa, três soluções inovadoras. Primeiro, treinamos as comunidades Maasai no controle adequado de vetores usando armadilhas impregnadas de pesticidas e parasitas piretróides no gado para remover a carga da mosca tsé-tsé. Em segundo lugar, com o tempo, usamos estratégias de engajamento da comunidade para o que chamamos de parcerias de ecosaúde, que reúnem autoridades locais, partes interessadas da pesquisa e do governo, mas o mais importante, os próprios membros da comunidade e impulsionam toda a parceria. E em terceiro lugar, desenvolvemos um sistema de alerta precoce para a tomada de decisões. Onde o gado pode ser levado para pastoreio com baixa carga tsé-tsé, mas com bastante água e pasto. Este era um aplicativo baseado em smartphone que vinculava dados em imagens de satélite para precipitação, temperatura e corpos d'água com dados ambientais locais sobre densidade tsé-tsé, infecção e prevalência de doenças. Assim, qualquer membro da comunidade, qualquer pastor, desde que tenha um smartphone, pode fazer uma previsão para onde levar seu gado para pastar.

Pierre Quiblier [00:30:14] Extraordinário. Garry, como discussão, o que há em comum em todas essas medidas e abordagens que nosso querido Paul adotou aqui é que todas elas são preventivas. Eles estão sempre na prevenção. Não há nenhum curativo aqui. Ele não está falando sobre vacina. Ele não está falando sobre confinamento. É tudo uma questão de prevenção. E quando a saúde pública quer tomar medidas a sério, tem que falar sobre ações preventivas. E quando você fala sobre ações preventivas, precisa considerar seu ambiente. E é exatamente isso que Paul está fazendo. E não há nada melhor do que isso para proteger as populações mundiais de doenças mortais no futuro. Começa no nível local com uma política preventiva. Agora, a questão é: como você faz com que isso seja entendido pelos tomadores de decisão e financiadores? Porque isso também custa dinheiro. Para construir um sistema de alerta precoce em nível local, há muitas populações locais. Como você as mobiliza? Como você sustenta a alimentação disso? Isso é muito importante. Se me permite, Garry, como resultado de nossa Declaração de Libreville, criamos o ChemOBS - Observatório Químico financiado pelo Fundo Ambiental Global. E isso foi para melhor prevenir, prevenir e reduzir os riscos químicos. O que queríamos aqui é exatamente o que Paul está fazendo. É compartilhar a experiência entre os setores de saúde e meio ambiente para entender melhor quais são os produtos químicos que estão ameaçando principalmente as populações, fornecer uma ferramenta, o que chamamos de calculadora de vulnerabilidade, para determinar quais populações e quais questões prioritárias estão mais em jogo. Portanto, já existe esse compartilhamento de informações entre os dois setores e os outros setores industriais e agrícolas e assim por diante. E depois é usar isso também com outra calculadora para avaliar melhor o custo e os benefícios das intervenções a serem tomadas, a fim de convencer nossos tomadores de decisão de que faz sentido investir em ações preventivas. É apenas um exemplo que segue exatamente a mesma linha de nosso Paul.

Garry Aslanyan [00:33:02] Pierre, você aponta corretamente a importância da colaboração dos setores de saúde e meio ambiente. Vamos ouvir Paul novamente, que também enfatizou a importância da colaboração multissetorial e transdisciplinar na realização da abordagem One Health.

Paul Gwakisa [00:33:21] O sucesso de qualquer projeto de pesquisa depende muito da colaboração entre todas as partes interessadas. É muito importante que todas as partes interessadas se sintam proprietárias dos projetos. E as partes interessadas, ou seja, os membros da comunidade, os pesquisadores, as autoridades governamentais locais e até as autoridades do governo central. Então, ao longo dos anos, desenvolvi uma abordagem triangular para a implementação de meus projetos de pesquisa, na qual os objetivos do projeto são derivados das comunidades e, em seguida, as soluções são projetadas em laboratório usando abordagens multidisciplinares. E, finalmente, as descobertas são compartilhadas, testadas e divulgadas nas comunidades. Essa implementação de pesquisa triangular garante uma forte participação da comunidade local, equidade, inovação social, capacitação e compartilhamento das melhores práticas. Nos últimos cinco anos, sabíamos que o sucesso de nossa pesquisa dependia muito de nosso relacionamento com o povo Maasai e da construção de confiança entre eles e nós. Por isso, consideramos a população local não como participantes do estudo, mas como parceira na pesquisa. No final, queríamos co-criar inovações com as comunidades para que pudéssemos introduzir soluções culturalmente relevantes e aplicar uma abordagem ampla à melhoria da saúde, na qual as infecções transmitidas por vetores, inclusive a tripanossomíase, sejam reduzidas e a resiliência da comunidade seja aprimorada. Vejo oportunidades para trabalhos futuros e, como eu disse antes, precisamos levar em consideração uma abordagem transdisciplinar. A pesquisa não deve ser apenas teórica, mas a pesquisa deve ser intervenções, na verdade. E é assim que as comunidades podem ser tratadas para que os problemas realmente enfrentados

pelas comunidades possam ser pesquisados. Portanto, os objetivos da pesquisa devem vir das comunidades e as soluções recentes devem voltar para as comunidades. Assim, podemos estar fazendo pesquisas para implementação e não apenas pesquisas para publicações.

Garry Aslanyan [00:36:11] Então, Pierre, quando conversamos com Paul, ele realmente sublinhou esse aspecto importante, que não apenas o que está sendo pesquisado, mas como está sendo pesquisado é muito importante e eu também adoro a maneira como ele descreveu a necessidade de cocriar ou uma abordagem combinada para a criação de conhecimento, onde você tem a abordagem científica e local e também permite uma abordagem de baixo para cima, na qual a comunidade informa o que está acontecendo no processo de pesquisa ou compreensão das tendências que estão acontecendo. No nível global em que seu trabalho, existe uma maneira de aproveitar esse conhecimento ou essas abordagens e tentar aplicá-las em algumas das estratégias? Como você faz isso?

Pierre Quiblier [00:37:14] Em primeiro lugar, que experiência e testemunho perspicazes e visionários extraídos de declarações visionárias de nosso querido Paul novamente. O que é importante aqui nessa mistura tecnológica e em toda essa possibilidade de diálogo intersetorial e de conectar todas essas várias partes interessadas e identificar problemas para voltar da comunidade, voltar com as soluções para a comunidade, isso é realmente o que precisa ser feito. E isso já era um desafio a ser feito em nível comunitário. E, felizmente, nosso querido Paul e sua comunidade estão nos mostrando o caminho. Ainda assim, devo dizer que estamos longe desse resultado em nível global. Se você pensar bem, ainda permanecemos no fórum de especialistas com base no fórum setorial. Temos nossa Assembleia Mundial da Saúde, temos nossa Assembleia do Meio Ambiente das Nações Unidas, temos os setores de desenvolvimento, os setores agrícolas, os setores industriais, mas muito raramente temos todos esses setores trabalhando juntos e identificando os problemas juntos, reunindo as soluções, implementando, intervindo juntos. Isso permanece porque ainda somos especialistas em competir por recursos limitados, em vez de cooperar para fazer a diferença no nível da comunidade. E temos que admitir isso. Ainda precisamos definir algum fórum em que possamos fazer essa combinação tecnológica para fornecer a melhor avaliação possível em nível global, como Paul está descrevendo. Ainda precisamos fornecer um fórum para proporcionar um diálogo intersetorial entre os setores de saúde, meio ambiente e economia. Ainda precisamos ter um fórum em que o engajamento multissetorial dos setores públicos com os setores privados e a sociedade civil possa realmente ter um processo de negociação, identificar quem é responsável por quê e comprometer e engajar um conjunto de engajamento que ainda é necessário.

Garry Aslanyan [00:39:50] Alguma coisa foi feita para resolver isso?

Pierre Quiblier [00:39:53] Não, nós tentamos. Temos, por exemplo, dentro deste fórum regional por meio da Declaração de Libreville, onde facilitamos pela primeira vez esse diálogo intersetorial entre os ministros da saúde e os ministros do meio ambiente. E chegamos, mas ainda é uma batalha, uma luta para convencer todos os doadores, todos os financiadores a reconhecer o valor desse diálogo intersetorial. Quanto isso pode gerar em termos de pesquisa? Como isso pode tornar nossa política mais eficaz e menos onerosa? Tudo isso também precisa ser apresentado. Eu diria que precisamos obter resultados sobre os poucos exemplos que conseguimos desenvolver com evidências científicas e econômicas. Nem tudo é científico, é também como podemos tirar o melhor proveito desse conhecimento científico ao traduzir esse conhecimento científico em tipos econômicos de argumentos para convencer esses tomadores de decisão de que há um valor na saúde preventiva e no trabalho conjunto entre a saúde e o meio ambiente,

como Paul está fazendo em seu campo de pesquisa com sua comunidade Massai. Este é um exemplo concreto que precisa ser expandido em nível global. Ainda há muito a refletir e a maioria dos nossos pesquisadores pode refletir sobre isso, sobre como poderíamos ter processos de negociação no futuro que possam ser mais integrados. Talvez nos moldes da Declaração de Libreville.

Garry Aslanyan [00:41:39] Ouviremos Paul uma última vez enquanto ele compartilha seus momentos memoráveis trabalhando com as comunidades Maasai e, especialmente, o quanto ele foi capaz de aprender trabalhando com elas.

Paul Gwakisa [00:41:50] Momentos memoráveis trabalhando com comunidades Maasai? O número um é quando você está fora das comunidades, você simplesmente não sabe o suficiente sobre as pessoas. Você acha que está indo para áreas remotas. Na verdade, são áreas remotas porque não há água da torneira, não há eletricidade, não há banheiros com descarga, então é um estilo de vida diferente. Mas então, quando você entra nas casas da comunidade, você começa a ver o lado humano de tudo isso. Que são pastores, mas vivem em certas áreas onde vivem e têm muito conhecimento local e conhecimento tradicional, digamos assim, que os faz sobreviver nas condições que acabei de descrever. Por exemplo, eles comem muita carne, mas também comem outras coisas que talvez nas áreas urbanas nós não comemos. Mas, surpreendentemente, eles também usam muitas ervas que os ajudam a manter a forma e a se manter saudáveis nesses ambientes. Então, para mim, os momentos memoráveis são aprender mais sobre as práticas locais, o conhecimento local, as formas locais de lidar com coisas ou questões como saúde, água, educação, etc. Quando você se senta perto dos anciãos Maasai, eles gostam de aprender com você, mas quando você quer conversar, eles também falam. E então você descobre que aprende mais com eles. Você quer falar sobre problemas que são definidos academicamente, mas eles fornecem soluções que são resolvidas localmente. Então, isso precisa de um equilíbrio de mentes para entender que não é que vamos ensinar ou obter informações, mas sim ouvir e aproveitar não apenas o trabalho, mas também as partes sociais, a vida comunitária dentro das comunidades Maasai. Eles gostam de dar presentes. Eles gostam de assar carne na lenha para receber você em suas deliciosas refeições locais, que estão no mato, mas muito saborosas. E eu também gostei de fazer algumas delas. É preciso estar lá para testemunhar que a cultura Maasai é realmente um tesouro que não deve ser perdido.

Pierre Quiblier [00:44:56] Obrigada. Obrigado, Garry, por apresentar essas importantes reflexões. É de maior valor. E eu acho que a história está sendo escrita quando você ouve isso. E está vindo realmente do coração. E um bom cientista também precisa ter alguma emoção e saber como contar, se relacionar e observar de uma maneira melhor, para entender algum padrão. Acho que esse é um testemunho muito vívido de uma experiência de enorme valor. Paul disse isso muito bem. Ele disse as duas primeiras coisas que impressionam: a noção de confiança é muito importante quando você deseja interconectar conhecimentos, mas também que o conhecimento local não deve ser perdido. Você sabe que na biodiversidade, dentro da comunidade de biodiversidade, quando tentamos avaliar o que estamos perdendo, temos um problema porque não sabemos o que temos. Portanto, a primeira coisa na biodiversidade já é saber o que você tem antes de saber e entender o que está perdendo. Eu diria que é um pouco o mesmo com nosso conhecimento. E o conhecimento local seria muito importante para fazer um balanço de todo esse conhecimento local, antes de entender que podemos estar perdendo-o. Então esse é um primeiro esforço que realmente precisa ser feito. A terceira coisa que eu acho importante de Paul é: essa experiência é replicável em todos os lugares? É que existe uma identidade, uma diversidade que precisa ser reconhecida e podemos replicar essa abordagem em todos os

lugares? E devo dizer que é extremamente desafiador em nível global conseguir exatamente a mesma coisa. Como você seria capaz de trazer dentro de um único ambiente, cidade anfitriã, todo esse conhecimento local, porque eles são tão diversos e tão numerosos que pode ser difícil. Mas certamente há algumas possibilidades de representar a maioria deles e fazer um balanço de todo esse conhecimento. Essa é a tarefa que está à nossa frente, e esperamos que, com reflexões sobre como construir políticas integradas, possamos avançar e talvez alcançar nossos objetivos de desenvolvimento sustentável o mais cedo possível. Uma última palavra, talvez, seja que eu gostaria, por meio de você, de garantir que Paul seja convidado para um dos grandes fóruns de nosso meio ambiente, seja no contexto da Declaração de Libreville, seja em Nairóbi, porque acho e estou convencido de que a maioria de nossos especialistas ambientais ficará encantada e muito inspirada. Isso seria ótimo. Obrigada. Obrigado Garry.

Garry Aslanyan [00:48:14] Quero agradecer ao nosso público por se juntar a nós hoje e lembrá-lo dos recursos adicionais do episódio que temos disponíveis na página da Global Health Matters. Aqui você poderá ver um vídeo de Paul e seu trabalho com as comunidades Maasai. Se você gostou desse episódio, não se esqueça de nos dar uma classificação de cinco estrelas.

Elisabetta Dessi [00:48:45] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, o programa especial para pesquisa e treinamento em doenças tropicais. Gary Aslanyan, Linda van Niekerk e Makiko Kitamura são os produtores de conteúdo, e Obadiah George é o produtor técnico. Esse podcast também foi possível com o apoio de Chris Coze, Elisabetta Dessi e Izabela Suder-Dayao. o objetivo do Global Health Matters é fornecer um fórum para compartilhar perspectivas sobre questões-chave que afetam a pesquisa global em saúde. Envie-nos seus comentários e sugestões para tdrpod@who.int e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que receba seus podcasts. Obrigado por ouvir.

Elisabetta Dessi [00:48:45] Global Health Matters is produced by TDR, the Special Programme for Research and Training in Tropical Diseases. Garry Aslanyan, Lindi van Niekerk and Maki Kitamura are the content producers and Obadiah George is the technical producer. This podcast was also made possible with the support of Chris Coze, Elisabetta Dessi and Izabela Suder-Dayao. The goal of Global Health Matters is to provide a forum for sharing perspectives on key issues affecting global health research. Send us your comments and suggestions to tdrpod@who.int and be sure to download and subscribe wherever you get your podcasts. Thank you for listening.